

**Cartas na educação: contribuições de Célestin Freinet e Paulo Freire**

*Letters in education: contributions by Célestin Freinet and Paulo Freire*

Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula  
**Universidade Estadual de Maringá - UEM**  
Maringá- Paraná- Brasil  
Augusto Cesar Rios Leiro  
**Universidade do Estado da Bahia - UNEB**  
**Universidade Federal da Bahia-UFBA**  
Salvador- Bahia- Brasil

**Resumo**

Este artigo teve como objetivo analisar a presença e a importância das cartas e trocas de correspondências nas concepções pedagógicas de Célestin Freinet e Paulo Freire, bem como descrever as aproximações de aspectos da vida e produção de conhecimentos de ambos os autores a fim de refletir sobre a utilização de cartas como recursos criativos para a educação e diferentes sociedades e culturas. O trabalho é um ensaio teórico de uma pesquisa qualitativa de pós-doutorado em andamento em uma universidade pública do Nordeste. Para análise dos dados, foram selecionados trabalhos de Freinet (1967), Sanches (1998) e Lebrand (2010), Coelho (2011), Freire (2013), Guimarães e Freire (2015). Como resultados, observa-se que, tanto Freinet quanto Freire, possuíam forte apreço pelas cartas em suas vidas e concepções pedagógicas. Suas condições de vida foram muito parecidas, desde a infância até a vida adulta, quando foram presos por serem considerados subversivos e defenderem a educação para todos e sociedades democráticas.

**Palavras chave:** Cartas; Célestin Freinet; Paulo Freire

**Abstract**

The purpose of this paper is to analyze the presence and importance of letters and correspondence on the pedagogical concepts of Célestin Freinet and Paulo Freire, as well as to describe the connections of aspects of their lives and production of knowledge to reflect on the use of letters as creative resources for education and different societies and cultures. It is a theoretical essay of an ongoing qualitative post-doctoral research at a public university in the Northeast. For data analysis, we selected works by Freinet (1967), Sanches (1998) and Lebrand (2010), Coelho (2011), Freire (2013), Guimarães and Freire (2015). The results revealed that both Freinet and Freire had a strong appreciation for letters in their lives and pedagogical conceptions. They also had very similar life conditions, from childhood to adulthood, by being imprisoned for subversive behavior and advocating education for all and the consolidation of democratic societies.

**Keywords:** Letters; Célestin Freinet; Paulo Freire

## **Introdução**

Durante muitos anos, cartas e trocas de correspondências fizeram parte da trajetória de muitas pessoas que enviavam notícias, informações e mensagens sobre suas vidas e acontecimentos. Embora já não sejam tão frequentes na atualidade, as trocas de cartas continuam existindo como forma de comunicação.

No contexto da educação, as cartas também estão presentes na Educação Básica, no Ensino Médio e, mais recentemente, têm sido trabalhadas em projetos, pesquisas, aulas e cursos em universidades. Para crianças e jovens que nasceram imersos no mundo das tecnologias e estão acostumadas a conviver com a rapidez das informações, cartas escritas à mão causam estranhamento. A produção de textos escritos, para muitos deles, ainda representa, inicialmente, um temor na educação. Muitas crianças temem escrever e serem avaliadas por erros ortográficos, gramaticais ou incoerências na construção dos textos. Em relação aos estudantes jovens, muitos têm dificuldades de escrever trabalhos acadêmicos e sentem-se desmotivados quando precisam produzir artigos baseados em normas rígidas de redação e apresentação. As cartas representam um gênero textual que oportuniza, tanto para as crianças quanto para os jovens, um tipo de escrita na qual podem expressar sentimentos, dramas, dificuldades e sonhos particulares. Em tempos modernos, as cartas têm assumido outros formatos, como as vídeo-cartas, por exemplo, nas quais crianças e jovens escrevem textos, narram suas vidas em vídeos e os disponibilizam na *internet* ou em canais do *yotube*.

Este artigo é um recorte de uma pesquisa de pós-doutorado desenvolvida em uma universidade pública do Nordeste, cujo objetivo é analisar as narrativas das juventudes sobre seus direitos em cartas e vídeo-cartas. Esta pesquisa surgiu do interesse em investigar como cartas e vídeo-cartas podem incentivar jovens a escreverem textos nos quais possam expressar suas ideias de forma mais atrativa, agradável e reflexiva.

Na educação, a escrita de cartas e a troca de correspondências já existem há muitos anos. Dois teóricos expressivos consideravam as cartas como recursos importantes para compartilharem conhecimentos, saberes, refletirem sobre o mundo, diferentes culturas, injustiças e desigualdades sociais: o educador francês Célestin Freinet (1866-1966) e o educador brasileiro Paulo Freire (1921-1997). Eles viveram em períodos históricos diferentes, todavia, ambos defendiam ideais democráticos na educação e pautavam suas práticas educacionais na construção coletiva e dialógica de conhecimentos, na alfabetização, na

produção da escrita, no incentivo à leitura do mundo e da palavra. Os dois pensadores defendiam a Educação Popular e pautavam suas *práxis* em conjunto com os estudantes, professores, educadores e educandos. Foram perseguidos por governos ditatoriais e presos, mas conseguiram superar as adversidades. Suas ideias e propostas de trabalho permanecem até hoje em diferentes povos e sociedades.

O referencial teórico metodológico da pesquisa de pós-doutorado está pautado na Pedagogia Libertadora de Paulo Freire, na Pedagogia Freinet e na produção acadêmica sobre cartas na educação, vídeo-cartas e estudos da sociologia das juventudes.

O objetivo deste trabalho é analisar a presença e a importância das cartas e trocas de correspondências nas concepções pedagógicas de Célestin Freinet e Paulo Freire. Os objetivos específicos são descrever as aproximações de aspectos da vida e produção de conhecimentos de Freinet e Paulo Freire, bem como refletir sobre a utilização de cartas como recursos criativos para a educação e diferentes sociedades e culturas.

O trabalho é ensaio teórico de uma pesquisa de natureza qualitativa. Por sua brevidade e para compreensão do objeto de estudo, ou seja as cartas, nas concepções e trabalhos de Célestin Freinet e Paulo Freire, optou-se a análise de uma seleção de produções acadêmicas que aprofundaram essa temática. Em relação às análises dos trabalhos de Freinet, a produção acadêmica selecionada abrangeu os trabalhos de Freinet (1967), Sanches (1998) e Lebrand (2010). Quanto às análises dos trabalhos de Paulo Freire, foram considerados os trabalhos de Coelho (2011), Freire (2013), Guimarães e Freire (2015).

Este artigo está organizado em três partes: na primeira serão apresentados aspectos da vida de Célestin Freinet e o papel das cartas e da correspondência interescolar em seu trabalho. Freinet será descrito anteriormente a Paulo Freire considerando a ordem de nascimento. Já na segunda parte, serão descritos aspectos da vida de Paulo Freire e da influência das cartas e trocas de correspondências em seu trabalho. Para concluir, serão apresentados apontamentos sobre as possíveis aproximações entre esses teóricos quanto ao trabalho com cartas.

### **1. Célestin Freinet – Sua vida, as cartas e a correspondência interescolar**

As obras selecionadas para a descrição da vida e do trabalho de Célestin Freinet foram escolhidas pelo aprofundamento nas discussões de fatos históricos da vida de Freinet e do seu trabalho com cartas. A dissertação de Sanches (1998), “Freinet no contexto da

educação contemporânea e uma experiência com educação de adultos em Marília”, traz aspectos importantes da trajetória pessoal e profissional do teórico e da sua prática pedagógica.

O livro “*Célestin Freinet*”, escrito por Louis Legrand (2010) e traduzido por José Gabriel Perissé, foi escolhido por ter sido um trabalho encomendado pelo Ministério da Educação, com o ministro Fernando Haddad, no governo Lula. Eles estabeleceram um Acordo de Cooperação Técnica MEC/UNESCO para contribuírem com a formulação e implementação de políticas integradas de melhoria da equidade e qualidade da educação em todos os níveis de ensino. O então governo organizou vários livros sobre os principais teóricos da educação em contexto nacional e internacional, que estão disponibilizados na *internet*.

Em relação ao livro “*O Jornal Escolar*”, escrito por Célestin Freinet (1967) e traduzido por Filomena Quadros Branco, foi selecionado por apresentar os procedimentos detalhados de Freinet sobre as cartas no seu trabalho, as correspondências interescolares e as produções de jornais.

No que diz respeito à história de Célestin Freinet, trata-se de um educador francês do início do século XX, que defendia e lutava pela construção da Escola Moderna Popular Francesa. Nasceu no interior da França e era proveniente de uma família simples. Os pais tinham oito filhos e moravam no campo. De acordo com Sanches (1998, p. 13), “Célestin Freinet nasceu em 15 de outubro 1896 em um vilarejo chamado Gars, situado nos Alpes Marítimos, ao sul da França. Sua infância, como pastor de rebanhos, passou-se toda na Provença.”

Lebrand (2010, p.11) descreve que Freinet formou-se no magistério e posteriormente alistou-se no exército francês na luta contra o facismo: “Depois de ter concluído os estudos iniciais na cidade de Grasse, ingressou na Escola Normal de Professores, em Nice. Foi quando estourou a Primeira Guerra Mundial, em 1914, e Freinet alistou-se no Exército em 1915.”

A guerra foi devastadora em sua vida. Segundo Lebrand (2010, p.11), “Em 1917, com 21 anos de idade, foi gravemente ferido na Batalha “*Chemin des Dames*”. Recebeu as condecorações Cruz de Guerra e Legião de Honra.” Sofreu um ferimento pulmonar ocasionado por gases tóxicos que fez com que sua capacidade respiratória fosse reduzida, levando-o a abandonar os campos de batalha. Em 1920, foi nomeado para trabalhar como

professor primário de duas turmas de crianças no vilarejo de *Bar-sur-Loup*, localizado nos Alpes Marítimos. Nessa escola construiu sua proposta pedagógica pautada em princípios democráticos. Fundou a cooperativa escolar, a imprensa escolar, o livro da vida nas salas de aula, as aulas-passeio, as correspondências interescolares e defendia uma livre-expressão que valorizasse o trabalho dos estudantes por meio de experimentação, criação e documentação.

Freinet e sua esposa Elise, que também era educadora, realizavam várias atividades para melhorar as condições de vida das pessoas da cidade onde moravam. Ambos tinham um forte engajamento político. De acordo com Lebrand (2010, p.12):

Também encontrava tempo para se interessar pelo desenvolvimento de sua cidade natal, onde fundou uma cooperativa de trabalhadores com a finalidade de eletrificar o povoado. Membro ativo do sindicato e do partido comunista, em 1925 visitou a União Soviética numa delegação sindical. Lá encontrou Krupskaya, companheira de Lênin e ministra da Educação. Esta atividade sindical e política exerceu profunda influência sobre a concepção da pedagogia popular que nele ia amadurecendo.

Nos anos de 1929 a 1933, Freinet e sua esposa trabalharam na cidade de Saint-Paul-de-Vence e começaram a ser perseguidos por serem considerados comunistas e por suas ideias de uma educação igualitária para todos. Conforme descreve Lebrand (2010, p. 13):

Histórias infames de banheiros sujos e entupidos serviram como pretexto para que as autoridades direitistas da municipalidade requisitassem e conseguissem a remoção desses professores inconvenientes. Mas o que realmente incomodava eram os textos que os seus alunos escreviam com espontaneidade, criticando abertamente as figuras ilustres da cidade!

Com o crescimento da extrema direita na França, Freinet e sua esposa passaram a receber represálias e a ser perseguidos pelo governo francês, que iria transferi-los para outra cidade a fim de interromper o trabalho que desenvolviam. Antes desse processo acontecer, eles pediram demissão e foram morar na cidade de Vence, na França, na qual construíram sua escola livre no período de 1934 a 1935.

Freinet gostava de registrar com as crianças os acontecimentos da vida e da escola no livro da vida. Também apreciava as aulas-passeio e produzir o material pedagógico com os estudantes, bem como compartilhar e trocar experiências nas práticas educacionais mediadas pelas correspondências interescolares e pelos jornais impressos.

Lebrant (2010, p. 16) descreve que “Estudo do entorno, imprensa, jornal e correspondência escolares tornar-se-ão instrumentos primordiais de uma revolução pedagógica.” Ainda, que “Freinet tinha apreço pelas tecnologias, as fitas magnéticas e o gravador de rolo, o filme e, hoje em dia, a câmera de vídeo, complementarão mais tarde o arsenal técnico dessa comunicação que se torna o objetivo concreto da aprendizagem da escrita e da criação e edição de textos.” (LEBRANT, 2010, p. 16).

Para Sanches (1998, p. 18) Freinet era preocupado com o contexto de vida das crianças: “Freinet aponta os riscos de experiências desenvolvidas em clima de laboratório e sob considerações burguesas, que podem se distanciar das influências determinantes que o contexto tem sobre o desenvolvimento das crianças e sobre a escola.” Buscava também construir uma educação de qualidade para as crianças das classes trabalhadoras:

A prática e a convivência com as crianças vão criando em FREINET sentimentos de identidade com a aldeia, os camponeses, a classe trabalhadora, enfim, com o contexto em que a escola estava inserida e busca uma atuação mais significativa. Aos poucos, foi-se integrando na vida da aldeia, fez relações com os pais de alunos, iniciou e animou a cooperativa de consumo e venda de produtos locais, com sede na praça da aldeia. Ganhou a consideração dos moradores (SANCHES, 1998, p. 18)

Com isso, Freinet propunha aulas-passeio com as crianças pelas comunidades para conhecerem e estudarem o trabalho e as dificuldades das pessoas das classes populares. Na volta dos passeios, avaliavam a experiência e construíam textos coletivos, que seriam então impressos em tipógrafos e lidos por todos. Preocupava-se com o registro e a documentação do trabalho.

Sanches (1998, p.19) cita como as crianças que frequentavam essas escolas ficavam encantadas em imprimir seus textos: “Freinet aproveitou o entusiasmo geral e com alguns truques para facilitar o trabalho de impressão, aumentou-se a produção dos textos. As crianças queriam imprimir logo seus textos, vê-los prontos e mostrá-los aos pais e amigos”. Elas se sentiam protagonistas das suas histórias:

Era a consagração do pressuposto de FREINET: as crianças eram capazes e o que elas realizavam era reflexo de suas próprias emoções, da história de suas vidas, pois não imprimiam textos de adultos, mas sim seus próprios textos, plenos de interferência do meio, da sua vida, da sua família, dos seus interesses; os sentimentos dos alunos encontravam-se presentes em cada texto. E assim FREINET construía um novo espaço, uma nova técnica em sala de aula, ao mesmo tempo em que participava cada vez mais da vida dos grupos dos aldeões. Iniciava-se assim sua militância social, buscando atingir

ideais da construção de uma escola mais adaptada às necessidades do povo. (SANCHES, 1998, p. 20)

Esse trabalho de Freinet começou a ser divulgado e compartilhado na França para outras escolas, assim como em outros países. Com isso, surgiu o trabalho com as correspondências interescolares:

Para divulgar o trabalho que estava realizando com sucesso, FREINET utilizava-se de boletins e revistas de educação; logo, professores que encontravam respostas às suas dúvidas ou que compartilhavam as mesmas inseguranças passaram a utilizar a correspondência para entrar em contato com FREINET, surgindo assim um momento de colaboração mútua no desenvolvimento pedagógico. Muitos desses professores que se correspondiam com FREINET passaram a ser fiéis colaboradores e a utilizar também as técnicas que ele vinha usando com êxito. Os textos impressos, depois de lidos e relidos por toda a classe, eram levados para que pais e amigos também os lessem; mas FREINET queria mais, queria que o círculo de leitores fosse ampliado e surge a idéia da correspondência interescolar. (SANCHES, 1998, p. 20)

As trocas de correspondências fizeram um grande sucesso. As crianças gostavam de escrever, trocar informações sobre outras culturas, outros hábitos e até enviavam alimentos e objetos pessoais pelo correio:

Enquanto isso, os resultados obtidos em Bar-sur-Loup foram publicados em uma revista de educação, e um amigo de FREINET, que morava ao Norte da França, após ler o artigo, escreveu-lhe sobre as intenções de trabalhar com as mesmas técnicas de produção de textos impressos. Surge a oportunidade de realizar a correspondência interescolar e os dois professores e seus alunos passam a se corresponder (1924). As crianças de FREINET mandavam seu jornal para colegas do outro lado da França. Aos poucos, os alunos começam a trocar pequenos bilhetes, cartas e até desenhos que em sua essência retratavam a vida de cada região; além de correspondência, eles também trocavam presentes, fotografias, frutas, comidas típicas regionais... O entusiasmo das crianças era tal que contagiava até o próprio professor. A emoção permeia todas as relações e fortalece a auto-estima dos alunos, que se sentem atuantes, importantes no mundo para o outro - aquele que leria seu texto e mandaria uma resposta. A aprendizagem da língua é extremamente significativa e rica (SANCHES, 1998, p. 21)

Em seu livro “O Jornal Escolar”, Freinet (1967) descreveu todos os passos da construção dos jornais escolares em suas escolas. Essa técnica foi iniciada a partir das trocas de cartas entre os estudantes da própria escola, posteriormente com estudantes de outras regiões e com outras escolas da França.

O livro é dividido em três partes. Na primeira parte, Freinet descreve em vários tópicos a história do jornal escolar, a técnica, o processo de construção do texto, os diversos tipos de jornais escolares, os conteúdos e os jornais escolares trabalhados com diferentes crianças e infâncias. O autor utilizou as seguintes nomenclaturas: classes infantis, escolas urbanas, classes de aperfeiçoamento, hospitais, lares de crianças e segundo grau. No final do capítulo, descreve as virtudes do jornal escolar. Já na segunda parte, são apresentadas as vantagens pedagógicas, psicológicas e sociais dos jornais para as pessoas, bem como o jornal como forma de conhecimento da criança e instrumento de cidadania e compreensão internacional dos acontecimentos das escolas e do mundo.

Finalmente, na terceira parte do livro, intitulada de “A correspondência interescolar”, Freinet afirma que desde suas primeiras tentativas, na primeira escola onde trabalhou em Bar-sur-Loup, França, 1925, sabia que essas trocas de cartas e jornais motivavam o processo educacional de crianças e professores.

Conforme descrições de Freinet, o carteiro buscava e trazia cartas de dois em dois dias na escola e as crianças ficavam entusiasmadas com as trocas de correspondências (1967, p. 70):

Senti imediatamente as importantes possibilidades de uma tal troca: as crianças já não escreviam para si próprias, mas para seus correspondentes: os deveres escolares mudaram então de sentido, ou seja, de natureza. Que animação, que entusiasmo pela leitura quando chegavam os jornais dos nossos amiguinhos. Vivíamos como os camponeses-pescadores de Trégunc: conhecíamos os seus trabalhos, passatempos, preocupações. Já não se tratava de um desses vulgares processos pedagógicos pretensiosamente designados como “métodos”. Eram antes uma forma nova de vida na Escola, alma e instrumento de esforço escolar ao qual eu afirmava.

A troca de correspondências de cartas e jornais era também uma técnica de práticas educacionais muito aprovada pelas crianças e pelos seus pais, como afirmava Freinet (1967, p. 71):

[...] a troca de encomendas, o envio, por um lado, de crepes bretões e por outro, de laranjas e azeitonas, o envio de brinquedos e fotografias, a contribuição dos próprios pais para esta nova forma de actividade escolar, tudo isso já tinha mostrado o que podíamos conseguir com essa técnica.

Ainda nesse mesmo capítulo do livro, reafirmava as contribuições das trocas de cartas para a construção de conhecimentos sobre as características dos estudantes, bem



como da partilha e construção de conhecimentos com outras pessoas. Descrevia também a necessidade de leitura do texto para correção das “imperfeições”:

A correspondência assim compreendida deixa então de ser pessoal. Os textos do jornal trazem-nos os ecos da vida íntima dos nossos correspondentes, das suas reacções no seu ambiente. Conhecemos cada um dos alunos como se estivessem a nosso lado.

Completamos este intercâmbio pelo envio regular de cartas aos nossos correspondentes. De quinze em quinze dias, cada aluno escreve ao amiguinho de que ele tem o nome: Meu querido camarada.. Na carta junta a sua fotografia, postais, selos, fotografias da sua família.

As cartas assim escritas, lidas pelo professor, que explica lealmente que tem que as ler para evitar as tolices, são enviadas em um embrulho, acompanhadas de uma carta do professor ao seu colega com todas as informações suplementares. Este envio é feito em encomenda não fechada. A troca de fitas magnéticas completa hoje todas essas possibilidades.

Outro aspecto que Freinet descreve sobre a troca de cartas diz respeito à afetividade, ao entusiasmo quando as cartas chegavam, assim como às frustrações das crianças quando não eram correspondidas:

Quando as remessas chegam, o interesse na aula atinge o seu auge. Cada um recebe como uma relíquia a carta do seu correspondente, guardando-a com cuidado, leva-a para casa e conserva-a com carinho. Só existe um contra: ocorre que alguns alunos não recebem carta porque o seu correspondente está doente ou não escreveu. É então um verdadeiro desespero, que nos mostra o apreço que nossos alunos dão a estas trocas. É mesmo necessário que os professores combinem entre eles para evitar tais dissabores, chegando mesmo ao ponto de mandar fazer uma carta suplementar a alguns alunos mais expeditos para atenuar pelo menos o desgosto dos não contemplados. (FREINET, 1967, p. 75)

No período da Segunda Guerra Mundial, Freinet foi preso e levado a um campo de concentração. Ele teve suas correspondências interrompidas e não pôde participar de congressos internacionais. A situação de professores que contestavam o sistema se agravou e passaram a ser perseguidos politicamente. De acordo com Sanches (1998, p. 36):

Muitos professores foram mortos, outros presos, acusados de serem terroristas. FREINET era considerado um líder terrorista e a Cooperativa do Ensino Leigo, constantemente visitada por policiais para verificarem se lá guardavam armas. FREINET continuava suas aulas com as crianças. A sua casa foi revistada e alguns livros lá encontrados foram considerados provas de subversão. Foi ameaçado de prisão, e em março de 1939 foi preso e conduzido ao campo de concentração de Saint-Maximin, e seus problemas pulmonares agravaram-se.

## *Cartas na educação: contribuições de Célestin Freinet e Paulo Freire*

A prisão de Freinet levou sua mulher a vivenciar forte preocupação com sua situação e o agravamento da saúde do seu esposo. Ela mobilizou várias pessoas para ajudá-lo, escreveu cartas para políticos de outros países e ao governo francês. Tal persistência fez com que Freinet fosse internado no Hospital no Campo de Concentração. Elise continuou trabalhando na escola cooperativa que haviam construído, porém, a situação financeira foi se agravando. Ao saber que seria presa, fugiu. Freinet continuou preso por um tempo e escreveu cartas e livros na prisão:

Freinet, no hospital, manteve a linha mestra de sua vida, a educação. Alfabetizou um velhinho, organizou grupos de aulas entre outros convalescentes, preparou palestras, ajudou a proporcionar grupos para trabalhos manuais e artísticos e chegou até mesmo a organizar um jornal, feito à mão, que revelava comoventes histórias (por meio dos textos livres) de outros prisioneiros; o jornal era chamado de Camp 41 (e passava pela censura do campo de concentração), neste momento de sua prática, —*a livre expressão atingirá aí uma valor humano e cultural de primeiro plano* Cada vez mais, ele se envolvia com a alma dos homens, com o interior de cada um e refletindo sobre suas constatações escreveu inicialmente Conselho aos pais, e amadureceu as idéias para outros dois livros: Ensaio de Psicologia Sensível (2º volume) e Educação pelo Trabalho (2º volume). (SANCHES,1998, p. 37).

Em 1941, Freinet foi libertado e, mesmo com a saúde abalada, voltou a trabalhar com sua esposa Elise na cidade de Vence, na Cooperativa Educacional que haviam construído. Em 1947, foi fundado o Instituto Cooperativo da Escola Moderna (ICEM), que buscava registrar a produção de Freinet, dos professores e estudantes. Esse período foi denominado por ele de educação popular da Escola Moderna Francesa. Posteriormente, muitos professores conheceram o trabalho de Freinet, foram aderindo às suas ideias e estratégias educacionais e passaram a defender 25 alunos por sala de aula – uma luta que ele também empreendiam.

Mesmo com saúde frágil, Freinet continuou trabalhando, tendo falecido em 08 de outubro de 1996, na cidade de Vence. Mesmo com todas as dificuldades, com a perseguição política, prisão e problemas de saúde, seu legado na educação é histórico e suas ideias continuam a ser perpetuadas em várias escolas na França, no Brasil e no mundo.

Para concluir, cabe destacar o seguinte excerto do livro de Freinet (1967,p. 75), no qual descreve o impacto das cartas em sua vida e trabalho: “A chegada dessas encomendas desperta nas nossas aulas um entusiasmo indescritível. Nenhum acontecimento pedagógico consegue igual animação. É necessário ter vivido tais momentos para compreender todo o

sentido desta afirmação”. Com este texto, Freinet revelava o apreço e a importância que as cartas possuíam em sua concepção pedagógica e trajetória profissional.

## **2. Paulo Freire – Sua vida, as cartas e os livros-carta na Pedagogia Libertadora**

As obras selecionadas para análise das cartas na vida de Paulo Freire trazem elementos da sua história e seu contexto político, bem como os encantamentos e a esperança que ele adquiriu com os jovens preocupados com a situação política e social no Brasil durante a ditadura, período no qual viveu em exílio e conheceu a realidade de diversos países. O livro “Cartas a Cristina: reflexões sobre a minha vida e minha *práxis*”, em edição organizada por Nita Freire (2013), foi selecionado para este artigo por apresentar as descrições de Paulo Freire sobre sua infância, sua vida, contexto político e a importância das trocas de cartas com sua sobrinha Cristina nos tempos do exílio.

Em relação ao livro “Lições de casa: últimos diálogos sobre educação”, a escolha se deu por ser escrito por Paulo Freire e Guimarães (2015) e por incluir vários diálogos nos quais Paulo Freire cita a relevância das cartas, bem como situações e momentos da sua vida pública e privada, desde a educação dos filhos até as concepções de como ocorriam processos educacionais das escolas públicas em outros países.

Já o artigo de Coelho (2011), “ Uma introdução a Pedagogia da Correspondência em Paulo Freire”, selecionado por se tratar de um estudo do autor especificamente acerca da questão das cartas em Paulo Freire na sua tese de doutorado “Cartas de Paulo Freire: o diálogo como caminho e pedagogia, que deu origem à construção de Pedagogia da correspondência: Paulo Freire e a educação por cartas”, defendida em 2005 na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP).

No que diz respeito à sua história, Paulo Reglus Neves Freire nasceu em Recife, dia 19 de setembro de 1921. Foi um renomado educador e filósofo brasileiro preocupado com as questões das injustiças e os processos de desumanização gerados pelas desigualdades sociais. Foi defensor da educação popular e igualitária para todas as pessoas. Defendeu e lutou a vida inteira pela libertação das pessoas de processos opressores, principalmente na educação. Suas obras são lidas em diferentes países e ele recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* em diferentes universidades da Europa e da América. Em 2012, recebeu o título de Patrono da Educação Brasileira pelo trabalho realizado.

Sua vida na infância foi marcada por momentos de vulnerabilidade social. Nasceu em uma família de classe média de Pernambuco, mas, com a morte do pai, Joaquim Temístocles Freire, capitão da polícia militar de Pernambuco, sua mãe, Edeltrudes Neves Freire passou muitas dificuldades para educar os quatro filhos, como Paulo Freire descreve ao se lembrar da sua infância no livro “Cartas a Cristina”:

Quanto mais me volto sobre a infância distante, tanto mais descubro que tenho sempre algo a aprender com dela. Dela e da adolescência difícil. É que não faço esse retorno como quem se embala sentimentalmente numa saudade piegas ou como quem tenta apresentar a infância e a adolescência pouco fáceis como uma espécie de salvo-conduto revolucionária. Esta seria, de resto, uma pretensão ridícula. (FREIRE, 2013, p. 41)

Ele também descreve como essas situações o identificavam com as classes populares e faziam com que ele lutasse sempre pelo reconhecimento, pela garantia dos direitos das pessoas e pela superação dos obstáculos:

No meu caso, porém, as dificuldades que enfrentei, com minha família, na infância e na adolescência, forjaram em mim, ao contrário de uma postura acomodada diante de um desafio, uma abertura curiosa e esperançosa diante do mundo. Jamais me senti inclinado, mesmo quando me era ainda impossível compreender a origem de nossas dificuldades, a pensar que a vida era assim mesma, que o melhor a fazer diante dos obstáculos seria simplesmente aceita-los como eram. Pelo contrário, em tenra idade, já pensava que o mundo teria de ser mudado. Que havia algo de errado no mundo que não podia e nem devia continuar (FREIRE, 2013, p. 41).

Paulo Freire (1974) defendia a ideia do inédito-viável, ou seja, em situações-limites é preciso que as pessoas procurem romper as barreiras, superem as condições de opressão, acreditem nos sonhos e nas possibilidades das utopias para a transformação do mundo. No entanto, nem sempre as pessoas conseguem transpor essas situações limites. Ele considerava que: “Para alcançar a meta da humanização que não se consegue sem o desaparecimento da opressão desumanizante, é imprescindível a superação das situações-limites em que os homens se acham quase “coisificados.” (FREIRE, 1974, p. 111). O inédito viável precisa ser uma luta coletiva para sociedades mais justas, democráticas nas quais o sonhar seja constante.

Coelho (2011, p.2) também analisou a defesa de Paulo Freire pela superação dos processos opressores e a busca de formas de comunicação de suas ideias por meio de seus escritos, principalmente pelas cartas:

É bem possível que não encontremos nenhuma obra de Freire que não tenha como centralidade o diálogo nas suas diversas facetas e a busca da

mais acessível comunicabilidade. Não se quer com isso afirmar que ele escreveu obras de pouca profundidade ou que apresente algum tipo de simplismo ou ingenuidade. Ao falar e escrever, sempre o fazia com uma intencionalidade, com posições políticas claras e suas referências marcadas pela libertação de qualquer forma de opressão. Era um apaixonado pela cidadania. Tinha uma enorme convicção de que o ser humano não existe para ser objeto aderido a outrem, mas por vocação ontológica, é sujeito de seu destino, construtor de sua história e de suas autonomias. O ser humano se compreende em um estado de inconclusão, de utopia de já ainda não, em constante metamorfose como Freire apresentava a partir do “inédito viável”.

Paulo Freire escreveu em vários livros que a escrita de suas primeiras palavras foi realizada com gravetos, à sombra de uma mangueira, com a ajuda de sua mãe em sua casa.

O livro “Paulo Freire: uma biobibliografia” foi escrito e organizado por Ana Maria Araújo Freire *et al.* (1996), no qual descreve que Paulo Freire, aos 10 anos de idade, foi morar na cidade de Jaboatão, perto de Pernambuco, perdendo seu pai aos 13 anos, fato que marcou muito a sua vida. Naquela cidade conviveu com as crianças de classes populares e aprendeu muito sobre as condições precárias de vida. Também cursou o ensino fundamental e médio. Aos 22 anos ingressou na Faculdade de Direito de Pernambuco. Em 1944, casou-se pela primeira vez, com a professora primária Elza Maria Costa Oliveira, e teve cinco filhos. Nesse período, foi professor de Língua Portuguesa no Colégio Oswaldo Cruz, em Recife. Também trabalhou em outros locais com alfabetização de adultos, como no SESI, além da prefeitura de Recife, como Diretor da Divisão de Cultura e Recreação do Departamento de Documentação e Cultura. Suas primeiras experiências como professor do Ensino Superior foram de Filosofia da Educação na Escola de Serviço Social da Universidade do Recife. Em 1959, prestou concurso e obteve o título de de Doutor em Filosofia e História da Educação, tendo sido nomeado professor efetivo de Filosofia e História da Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Recife em 1960. Na década de 1960, diante da notoriedade do seu trabalho, foi nomeado pelo governador de Pernambuco, Miguel Arraes, para fazer parte do Conselho Estadual de Educação do Estado. Também estava trabalhando em Brasília, com o “Programa Nacional de Alfabetização”. Em 1964, o país sofreu o golpe de Estado que destituiu o presidente eleito democraticamente, João Goulart, e foi instalada a ditadura no país, com perseguição política das pessoas que lutavam contra o regime autoritário.

Naquele período, Paulo Freire tinha forte atuação nos movimentos pela educação popular e participou da campanha de alfabetização na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte. A proposta era implantar no Brasil o Plano Nacional de Alfabetização para formação de educadores em massa por meio dos círculos de cultura e de suas ideias sobre alfabetização. Entretanto, em 1964, Paulo Freire foi preso e ficou 70 dias no cárcere. Após ser libertado, precisou sair do Brasil e ficou exilado com sua primeira mulher, Elsa, e os filhos, em diferentes países, como Bolívia, Chile, Estados Unidos, Cabo Verde, Angola, Guiné-Bissau, Moçambique e Suíça. Em 1980, conseguiu ser anistiado e voltou ao Brasil. Foi convidado para ser professor na Pontifícia Universidade Católica-PUC, em São Paulo, e da Universidade Estadual de Campinas. Preferiu trabalhar na PUC, nos cursos de graduação e pós-graduação.

Sua primeira esposa, Elza, com quem trabalhou muitos anos em suas ideias e projetos educacionais, faleceu em 1986. Em 1988, ele casou-se com Ana Maria Araújo Freire, com quem também desenvolveu uma boa parceria em seus trabalhos. Em 1989, foi empossado como Secretário da Educação no município de São Paulo, cargo do qual se afastou em 1992.

Para a educação, seu legado é histórico. Publicou muitos livros, artigos, entrevistas, participou de bancas de dissertações de mestrado, doutorado e produziu muitos materiais, dentre os quais estão inclusos os livros-carta.

Em seu trabalho, Coelho (2011,p. 1) analisou o papel das cartas na produção de Paulo Freire e as dividiu em três períodos: antes, durante e após o exílio:

A abordagem das cartas seguiu a ordem cronológica de sua elaboração ou recepção, tendo sido distribuídas em três grandes conjuntos: de antes do exílio, durante o exílio e após o exílio. A análise buscou verificar a centralidade de duas categorias do pensamento freiriano: (i) o oprimido, como alvo de sua ação pedagógica e política e (ii) o diálogo como instrumento de desalienação, libertação e promoção do oprimido. Visa demonstrar que esse gênero de escrita (cartas), esse gênero literário (livros em forma de carta) constituíam as formas preferidas de Paulo Freire.

No livro “Cartas a Cristina: Reflexões sobre a minha vida e minha *práxis*”, Freire (2013) narra suas experiências de exílio no período no qual morou no Chile. São apresentadas dezoito cartas de Paulo Freire para sua sobrinha Cristina, incluindo vários temas desde questões da sua infância, mudança de cidade, dos estudos, do impacto da morte do pai, da vida em Recife, até a experiência em Angicos e as características da

Pedagogia Libertadora. Paulo Freire escreveu que suas cartas foram iniciadas pelas correspondências que trocou no período do exílio com duas sobrinhas, Nathaercinha, de 9 anos, e Cristina, quando era adolescente: “Além de minha mãe, que morreu antes de que eu pudesse revê-la e a quem escrevia quase que semanalmente nem que fosse apenas um cartão, de irmãos e de minha irmã, de uma prima, meus cunhados e de duas sobrinhas, uma delas a Cristina [...]” (FREIRE, 2003, p. 30). Ele também deixou registrado que após ter recebido as cartas da sua sobrinha Cristina, sentiu-se desafiado e motivado em respondê-las pelo compromisso que tinha de dividir suas experiências do exílio e reflexões sobre educação. No excerto abaixo, ele expressa o sentido dessa escrita que o entusiasmou:

Me lembro ainda de quanto a leitura daquela carta me desafiou e começou a me fazer pensar em como responder a Cristina. No fundo, tinha em frente a mim, na minha mesa de trabalho, na carta inteligente de minha sobrinha, a proposta de um projeto não só viável, mas interessante. Interessante, sobretudo, pensava, se, ao escrever as cartas solicitadas, me alongasse na análise de assuntos sobre cuja compreensão ensaiasse minha posição. Foi então que surgiu em mim a ideia de, no futuro, juntando minhas cartas, publicá-las em livro. Livro que não poderiam faltar referências a vários momentos de minha prática ao longo dos anos. (FREIRE, 2003, P. 36)

Nesse mesmo livro, há um tópico intitulado “Primeiras Palavras”, no qual Paulo Freire escreve sobre as dificuldades da escrita de cartas no período do exílio. Ele tinha receio de que suas cartas fossem censuradas ou interceptadas pelos militares. No trecho abaixo, ele deixa uma mensagem sobre o sentido da escrita de cartas para jovens, para que eles conhecessem as atrocidades da ditadura e as histórias de opressão:

Estou convencido, inclusive, de que nós, homens e mulheres, que vivemos a trágica negação da nossa liberdade, desde o direito do nosso passaporte ao mais legítimo direito de voltar para casa, passando pela singela prerrogativa de escrever despreocupadamente cartas a amigos, devíamos dizer aos jovens de hoje, muitos dos quais nem sequer haviam chegado ao mundo, que tudo isso é verdade. Que tudo isso e muito, muitíssimo mais do que isso, aconteceu. (FREIRE, 2003, p. 30)

Freire (2013) também escreveu sobre a necessidade de apresentar para Cristina as contradições da Europa e suas diferentes nuances, tantos dos seus aspectos positivos, das belezas naturais, da democracia, como também das “feiúras” da Suíça, como atitudes preconceituosas, homofóbicas, racistas e xenófobas. A escrita de cartas para os jovens era uma maneira de comunicar as diferenças sociais no mundo:

Foi nessa época, começos dos anos 70, que recebi as primeiras cartas de Cristina, adolescente, curiosa em torno não apenas de como vivíamos na Suíça, mas também da renomada beleza do país, do perfil de sua democracia, da proclamada educação de seu povo, dos níveis de sua civilização. Algo de verdade, algo de mítico. Boniteza real: lagos, alpes, campos, paisagens, cidades-postais. Feiura nos e dos preconceitos contra a mulher, contra negros, contra árabes, contra homossexuais, contra trabalhadores imigrantes (FREIRE, 2013. P. 35)

Nesse livro, Freire (2013) descreve que a intenção de compartilhar suas experiências nesse livro-carta eram muito cuidadosas. Por meio dessas correspondências com os jovens, buscava unir elementos da sua vida, infância, juventude, vida adulta em sua trajetória e seu processo de constituição como educador:

Com efeito, um corte que separasse em dois o menino do adulto que vem se dedicando, desde o começo da juventude, a um trabalho de educação, em nada poderia ajudar a compreensão do homem de hoje que, procurando preservar o menino que fui, busca também o menino que não pude ser. (FREIRE, 2013,p. 37).

No excerto acima, é possível perceber que discutia e problematizava as vulnerabilidades da sua vida. Já no livro “Lições de casa: últimos diálogos sobre educação”, escrito por Paulo Freire e Guimarães (2015), são estabelecidos vários diálogos no período do exílio no Chile.

O livro é dividido em duas partes. A primeira é intitulada “*Olhar de fora*” e subdividida em cinco tópicos, nos quais debatem sobre a importância das obras de Paulo Freire e das diferentes traduções em vários países, bem como problematizam as traduções equivocadas. Também discutem as concepções de Paulo Freire sobre o exílio e da volta para a casa, seus gosto pela música, pelo cantar e pela poesia, a maneira como educou seus filhos e as relações com seus netos.

Na segunda parte do livro, intitulada “*Olhar de dentro*”, as discussões estão voltadas aos riscos de publicar na ditadura e aspectos políticos do Brasil e da educação. Os anexos apresentam uma poesia de Paulo Freire cujo título é “*Recife sempre*”, além de um breve texto escrito por Sergio Guimarães sobre a “*Pedagogia do Chinelo*”. Neste último texto, Sergio se manifesta contrário a toda e qualquer forma de violência com as crianças. O que chama a atenção nesse livro de Freire e Guimarães (2015) é quando Paulo Freire descreve as visões do exílio. Em um tópico destinado aos jovens, intitulado “*Jovens, cartas, depoimentos pessoais: sintomas de que as coisas estão mudando*”, é possível encontrar



excertos sobre a importância dos jovens na leitura de seus textos. Quando Sérgio lhe pergunta se os jovens no Brasil, no período da ditadura, deixaram de ler seus textos, Paulo Freire respondeu com uma perspectiva esperançosa sobre o contato dos estudantes com seus livros, ideias e pensamentos:

Sérgio: E você acha que essa sua expulsão anulou o seu trabalho, as consequências e as repercussões de seu trabalho lá?

Paulo: Eu acho que não. Há certas indicações, por exemplo: a preocupação dos jovens que, inclusive, na época quando eu deixei o Brasil, tinham quatorze, dez anos e que não me conheciam. É toda uma geração que começa a me descobrir ao chegar a universidade – e a coincidência de que esses jovens estão chegando à universidade, de dois anos para cá, quando o espaço político também balançou um pouco mais. Então, muitos professores, em diferentes universidades, já não temem sugerir leitura minha, de meus livros, e até pedir textos sobre trabalhos meus (FREIRE, GUIMARÃES, 2015, p. 43)

Na continuidade dessas reflexões, Paulo Freire cita as cartas escritas por seus sobrinhos e por jovens que liam seus livros. Essas cartas o impulsionaram a compartilhar suas ideias acerca da Pedagogia Libertadora aos brasileiros:

Eu começo a ter o sintoma disso através de alguns sobrinhos, que também chegaram a esse nível, de universidade e que me escreveram dizendo: “Tio Paulo...afinal de contas eu te conhecia como tio Paulo. Papai e mamãe falam de tia Elza. Tem aqui um retrato teu, mas agora eu estou escrevendo a Paulo Freire. Eu descobri que o tio Paulo é Paulo Freire. Eu estou lendo o teu livro que o Professor me sugeriu e estou mesmo entusiasmado com isso...” Elas me escrevem fazendo consulta, pergunta. E, ao mesmo tempo, há jovens, outros jovens. Ontem mesmo me chegou esta carta aqui de dois jovens (lê). “Pensando na situação em que se encontra o ensino no Brasil, tomamos a liberdade de lhe escrever. Como somos jovens, nos propusemos e nos dispusemos a aprender e buscar novos caminhos que nos permitam trabalhar junto ao nosso povo, no sentido de conquistar uma vida mais solidária.” (FREIRE, GUIMARÃES, 2015, p. 44)

Nessas cartas endereçadas a Paulo Freire existiam preocupações dos estudantes com os problemas que o país estava vivenciando, com a educação alienante que eles estavam recebendo e a busca por aprendizagens e conhecimentos que os levassem a pensar sobre as questões sociais e políticas do país. Paulo Freire escreveu sobre o seu encantamento com tais cartas e também a necessidade de apresentar a realidade concreta do mundo, sem distorções. Respondeu para Sérgio:

Tu sabes que eu estou recebendo muita carta assim, e depoimentos pessoais de gente que passa por aqui, da curiosidade enorme de muitos jovens no Brasil, lendo esses meus livros que se publicam por lá.

Evidentemente, eu não superestimo isso, de maneira nenhuma. Eu não me envaideço com isso. Pelo contrário, eu me sinto responsável diante disso. Respondo às cartas, sem ilusões, sem alimentar ilusões, mostrando a dificuldade que há de sair, de ir para a Guiné... Por outro lado, isso não me dá assim a sensação de que as coisas todas mudaram, mas são sintomas de que as coisas estão mudando. Isso também me encoraja, na medida em que é um índice de que eu estou escrevendo, tenho escrito nesses anos de exílio, não está tão distante da realidade brasileira. Que é capaz de provocar um interesse vivo e uma reflexão por lá. (FREIRE, GUIMARÃES, 2015, p. 45)

No excerto acima é possível notar que Paulo Freire, mesmo exilado, acreditava que a situação no Brasil mudaria, que a ditadura acabaria e então poderia retornar ao Brasil. O fato de os jovens lerem seus livros impulsionava seus pensamentos esperançosos a respeito da mudança: os jovens traziam motivações para a superação de obstáculos. É preciso considerar que a escrita dos livros-carta por Paulo Freire para expressar suas ideias foi inicialmente muito criticada pela academia por considerarem que não existia rigor metodológico em seus escritos e reflexões. Sua segunda esposa, Anita Freire, reeditou o livro “Cartas a Cristina reflexões sobre a minha vida e minha *práxis*”, Freire (2013). Nessa edição, ela acrescentou algumas notas sobre o livro e descreveu essas críticas da academia e o caráter persistente de Paulo Freire na busca por construir estratégias inovadoras para se comunicar com jovens:

Ele persistiu em narrar e analisar sua vida nesta forma, negando aos que lhe cobravam “mais formalidade”, aos que se prendiam as regras meramente formais de um texto “esquemático”, sequenciado, que o “rigor” desses acadêmicos, chama de “sistematização”. Negou essa pretensão meramente formal escrevendo, deliberadamente, “cartas”, e negou essa interpretação, poetizando seus escritos. (FREIRE, 2013, P.303).

É possível notar, portanto, que Paulo Freire insistia em escritas contextualizadas e comprometidas com os sentidos e significados da escrita de cartas, não somente para os jovens, mas para as pessoas de todas as idades e em diferentes tempos históricos.

As cartas foram estratégias importantes na produção teórica de Paulo Freire e incentivaram a escrita de livros-carta, como: “Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar”, Freire (1993), “Cartas a Cristina: Reflexões sobre a minha vida e minha *práxis*”, Freire (2013), “Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e outros escritos”, Freire (2000) e “Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo”, Freire (2011).

No livro “Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar”, Freire (1993) escreveu dez cartas para os professores. Na primeira carta intitulada “Primeira Carta – Ensinar e

“Aprender – leitura do mundo – leitura da palavra”, ele discute a importância de incentivar os estudantes a ler e escrever:

Se nossas escolas, desde a mais tenra idade de seus alunos se entregassem ao trabalho de estimular neles o gosto da leitura e o da escrita, gosto que continuasse a ser estimulado durante todo o tempo de sua escolaridade, haveria possivelmente um número bastante menor de pós-graduandos falando de sua insegurança, ou de incapacidade de escrever.

Se estudar, para nós, não fosse quase sempre um fardo, se ler não fosse uma obrigação amarga a cumprir, se, pelo contrário, estudar e ler fossem fontes de alegria e prazer, de que resulta também o indispensável conhecimento com que nos movemos melhor no mundo, teríamos índices melhores reveladores de qualidade de nossa educação. Este é um esforço que deve começar na pré-escola, intensificando no período da alfabetização e continuar sem jamais parar (FREIRE, 1993, p. 37)

Paulo Freire faleceu em 02 de maio de 1997, em São Paulo, vítima de um infarto. Deixou uma obra extensa, respeitada em vários países pela defesa incessante da democracia, paz e direitos humanos.

### **Considerações finais**

A proposta deste artigo foi analisar a presença e a importância das cartas e trocas de correspondências nas concepções pedagógicas de Célestin Freinet e Paulo Freire, bem como descrever as aproximações de aspectos da vida e produção de conhecimentos de ambos, a fim de refletir sobre a utilização de cartas como recursos criativos para a educação e diferentes sociedades e culturas.

Em relação às aproximações entre os dois teóricos, foi possível constatar que ambos viveram infâncias difíceis e conviveram com as vulnerabilidades das pessoas de classes populares. Esses aspectos os aproximaram da luta constante pela defesa da educação para o povo, de uma educação democrática, com garantia de direitos e dignidade.

Eles também tinham o compromisso e a responsabilidade de sistematizar suas ideias e experiências: Freinet mais voltado à educação das crianças e Freire à educação de jovens e adultos e de todas as idades. Ambos escreveram sobre a motivação e amorosidade que sentiam ao relatarem que tanto as crianças quanto os jovens gostavam de escrever cartas e trocar correspondências. Também descreveram como as cartas eram estratégias importantes para a educação, para o conhecimento de outras realidades, culturas e reflexões sobre as desigualdades sociais e sobre o mundo.

Outro aspecto comum é que ambos foram presos por serem considerados comunistas e subversivos, por suas ideias que questionavam as estruturas do sistema. Entretanto, mesmo com as dificuldades, dada as legitimidades de suas ideias, seus trabalhos na luta pela democracia e emancipação. Atualmente, a situação do Brasil é de vulnerabilidade e de ataques à democracia. Dessa maneira, revisitar os escritos de Célestin Freinet e Paulo Freire faz com que possamos, mesmo em tempos difíceis tenhamos o desafio de esperar.

### **Referências**

COELHO, Edgar Pereira. Uma introdução a pedagogia da correspondência em Paulo Freire. **EccoS – Rev. Cient.**, São Paulo, n. 26, p. 59-73, jul./dez. 2011.

FREINET, Célestin. O **Jornal Escolar**. Tradução Filomena Quadros Branco. Cooperativa de L'Enseignement Laic Cannes, Editorial Estampa, Portugal, 1967

LEGRAND, Louis. **Célestin Freinet**. Louis Legrand, tradução e organização – José Gabriel Perissé. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010, 150 p. (Coleção Educadores)

SANCHES, Raquel Cristina Ferraroni. **Freinet no contexto da educação contemporânea e uma experiência com adultos em Marília**. 1988. Dissertação (Mestrado Ensino na Educação Brasileira) Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP – Campo de Marília, Marília, São Paulo, 1998

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1993

FREIRE, Ana Maria Araújo et al. **Paulo Freire: uma bibliografia**. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, Brasília, DF, UNESCO, 1996

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e práxis**. Organização e notas de Ana Maria Araújo Freire. 3ª.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Unesp, 2000.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo, GUIMARÃES, Sérgio. **Lições de Casa: Últimos diálogos sobre educação**. 2ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2015

## **Sobre os autores**

### **Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula**

Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e pedagoga formada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). É professora associada do Departamento de Teoria e Prática da Educação e do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá. Atualmente cursa o Pós-Doutorado na Universidade do Estado da Bahia em Salvador (UNEB). É líder do Grupo de Estudos e Pesquisa de Educação Social em Saúde (GEPESS) e membro do Grupo de Estudos em Formação do Educador, Comunicação e Memória (FECOM).

e-mail: [ematpaula@uem.br](mailto:ematpaula@uem.br) Orcid : <https://orcid.org/0000-0002-8619-7558>

### **Augusto Cesar Rios Leiro**

Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) / Universidade de Lisboa, mestre em Educação pela UFBA e licenciado em Educação Física pela Universidade Católica do Salvador (UCSal). Possui formação em radialismo pelo Instituto Federal da Bahia (IFBA) e em Administração Esportiva pela UCSal. É Professor Pleno (Titular) do DEDC II da UNEB e Professor Associado da FACED/UFBA. É Vice-Coordenador do Programa de Pós-graduação em Educação da UFBA. É líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Mídia/memória, Educação e Lazer (MEL) da UFBA e na UNEB, é líder do Grupo de Estudos em Formação do Educador, Comunicação e Memória (FECOM).

e-mail: [cesarleirocbce@gmail.com](mailto:cesarleirocbce@gmail.com) Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-6075-5187>

Recebido em: 28/10/2021

Aceito para publicação em: 09/11/2021